
Inclusão e escolarização de alunos autistas

Regiane de Carvalho*
Orient.: Sérgio de Freitas Oliveira**

RESUMO

O artigo relata um estudo de caso realizado pela equipe pedagógica e docente de uma Unidade Municipal de Educação Infantil - UMEI de Belo Horizonte que, ao constatar um aluno autista na escola, buscou meios para alcançar o aluno e facilitar o seu processo de inclusão e escolarização de forma conjunta, objetivando identificar procedimentos, práticas e intervenções pedagógicas que pudessem colaborar de maneira eficaz.

Palavras-chave: Inclusão; Autismo; Escolarização de autistas.

1 - INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi baseada na observação participante de uma escola de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino – UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil), que atende a um aluno com Síndrome de Autismo. Levando em consideração que se trata de crianças que fogem de um “padrão normalizado” e que muitas vezes são prejudicadas em relação ao acesso e ao convívio escolar, tendo em vista que a educação é direito de todos, conforme disposto na Constituição Federal de 1988, em seu art. 205, a área desta pesquisa é delimitada pelo problema de identificar procedimentos que podem ser desenvolvidos de forma a promover os processos de inclusão, ensino-aprendizagem e socialização de crianças com necessidades educacionais especiais por apresentarem autismo, no espaço escolar.

Devido a privações e práticas não condizentes de alunos com necessidades especiais, buscou-se desmistificar esses conceitos, com o propósito de identificar alternativas pedagógicas adequadas ao desenvolvimento socioeducativo de crianças com síndrome do Autismo, respeitando suas limitações e o tempo

de que necessitam para aquisição de conhecimentos.

Dessa forma, observaram-se as intervenções que auxiliam o processo de aprendizagem e o desenvolvimento da criança autista, analisou-se como funciona o processo de inclusão promovido pela escola e pelo educador e as possibilidades a serem alcançadas por crianças autistas, quando inseridas no meio escolar.

Nessa perspectiva, a hipótese desta pesquisa norteia que, através do acesso à escolarização aliado a outras intervenções que possam promover a interdisciplinaridade, como: psicopedagogia, fonoaudiologia, psicologia, musicoterapia, psicomotricidade e outros, poderemos proporcionar-lhes melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem e a inserção no meio. A educação é a base de toda construção social, intelectual, de interação e crescimento individual, é mais do que cuidar de crianças, é abrir a elas o caminho da cidadania, levando em conta que quem tem deficiência é capaz de muitas coisas, como ler, escrever, fazer contas, correr, brincar e até ser independente. O importante é que, se a criança for estimulada a descobrir seu potencial desde cedo, as dificuldades deixam de persistir em tudo o que ela faz, ou seja, ela precisa de novos desafios para aprender a viver cada vez mais com autonomia, e não há lugar melhor do

* Graduada em Pedagogia com Ênfase em Necessidades Educacionais Especiais pela PUC Minas. E-mail: regianecarvalho2@gmail.com

** Licenciado em Letras e em Pedagogia. Professor Adjunto da PUC Minas. E-mail: sergiofoliveira@globocom

que a escola para que isso se concretize.

2 - DESENVOLVIMENTO

O Autismo Infantil (AI) é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. É um distúrbio do desenvolvimento que surpreende pela diversidade de características que pode apresentar. Descrito em 1943, por Kanner, o AI tornou-se, em razão de características singulares e integrantes, um dos desvios comportamentais infantis mais estudados, debatidos e disputados. Por não ter ainda uma causa específica, é chamado de Síndrome por ter um conjunto de sintomas que caracterizam o distúrbio.

Facilitar o processo de inclusão de crianças com necessidades especiais é um primeiro passo a ser dado ao se tratar da escolarização e socialização dessas crianças. Devemos levar em conta que a palavra “inclusão” não é apenas um aspecto a ser desenvolvido pela escola, mas por todos profissionais nela envolvidos. A Declaração de Salamanca – documento sobre princípios de Educação Inclusiva, de 1994 – estabelece que a escola inclusiva seja aquela que contempla muitas outras necessidades educacionais especiais: crianças que têm dificuldades temporárias ou permanentes, que repetem o ano, sofrem exploração sexual, violação física ou emocional e outros. Tudo isso colabora para que o estudante tenha cerceado o direito de aprender e crescer. A escola só ensina a todos quando está atenta às necessidades de cada aluno, em vez de enfatizar as limitações. A educação inclusiva desafia a escola a ser mais representativa da diversidade que existe na sociedade, tornando-se mais justa. Acreditamos que a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais por apresentarem autismo deva ser realizada de forma criteriosa e bem orientada, variando de acordo com as possibilidades de cada aluno.

As crianças autistas evoluem em seu desenvolvimento cognitivo, se forem estimuladas a interagir com pessoas e objetos, sendo então capazes de elaborar seus próprios conhecimentos por meio da descoberta e da criação de novas relações entre os fatos do mundo real. Ferreira (1993) aponta que o desenvol-

vimento intelectual é o processo pelo qual as estruturas da inteligência se constroem progressivamente, através da contínua interação entre sujeito e o meio externo.

A criança autista, em relação ao desenvolvimento intelectual normal, passa pelos mesmos estágios de desenvolvimento, porém, em um ritmo lentificado e com períodos de flutuações, caminhando para um estado de estagnação. Para Ferreira (1993), o comportamento deve ser considerado de acordo com seu modo de elaboração e interpretado em função do seu processo construtivo. A escola deve descobrir meios adequados de atuação pedagógica para levar ao alcance desses alunos os conhecimentos socialmente disponíveis. O trabalho pedagógico com crianças com necessidades educacionais especiais busca superar, as barreiras que aumentam ainda mais as diferenças.

O autista tem um nível de eficiência que, ao ser estimulado de forma adequada, lhe permitirá o desenvolvimento de suas capacidades e da personalidade como um todo. Ferreira acrescenta:

O conhecimento do mundo real se faz de forma paralela e dialética ao desenvolvimento dos esquemas sensorio-motores, ou seja, a criança aprende sobre os objetos de sua realidade ao mesmo tempo em que descobre suas possibilidades de agir sobre eles e desenvolve suas habilidades perceptomotoras. (FERREIRA, 1993, p. 107).

3 - METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos desenvolvidos nesta pesquisa apoiaram-se na iniciativa de acompanhar uma criança com síndrome de Autismo, na Rede Regular de Ensino.

Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento do relatório clínico-médico da criança, com a tentativa de classificar e conhecer o grau de severidade da síndrome.

Em um segundo momento, partiu-se para uma etapa de observação direta em que foram identificadas as atividades desenvolvidas pelo corpo docente, se estavam de acordo com a necessidade do aluno, a relação social com os colegas e os processos de inclusão realizados pela escola.

Após essa observação, trabalhou-se com a aplicação de aspectos discutidos e pesquisados pela

equipe pedagógica e docente, levando em conta as adaptações do contexto educacional e a flexibilização do currículo escolar, visando atender as dificuldades do aluno. Buscou-se também informar sobre as características da síndrome de Autismo e realizar metodologias de trabalho em conjunto com os professores responsáveis pelo aluno, enfatizando o seu desenvolvimento.

Dessa forma, tentou-se identificar pontos negativos e positivos, modificações ocorridas na criança durante o processo de ensino-aprendizagem, seu comportamento pessoal e social, os progressos alcançados ou não, as perspectivas e o processo de inclusão da criança na Rede de Regular de Ensino.

4 - PRINCIPAIS RESULTADOS

A instituição escolhida para observação da criança autista foi uma UMEI (Unidade de Educação Infantil) de Belo Horizonte. No período da observação, a criança, que chamaremos de João¹, tinha cinco anos de idade, estava no 2º Período, diagnosticada com grau leve da síndrome de Autismo.

Através dessa observação, identificou-se que João muitas vezes prefere brincar sozinho e tende a tomar os brinquedos dos colegas para si. Ele fala sem dificuldades, mas com pouquíssima frequência escuta-se sua voz. Ele conta com um estagiário na sala para auxiliá-lo em todos os momentos. As UMEIs são bastante inclusivas, com espaços preparados para recebimento de deficientes físicos. A Prefeitura estava promovendo minicursos sobre Autismo, no período observado.

A professora responsável pela sala diz que João costuma fazer as atividades, mas muitas vezes rejeita e não aceita continuar. Não há qualquer atividade direcionada para o João, a não ser procedimentos da vida diária, como ir ao banheiro, se vestir, comer sozinho, escovar os dentes, sendo tudo isto já conquistado por ele, segundo informações da professora. Na sala de aula há um mural contendo fotos da rotina do dia, o que facilita o entendimento da criança. Ele é bem aceito pelos colegas, apesar de muitas vezes rejeitá-los e não aceitar brincar em grupo. Ele age com naturalidade e algumas vezes nem percebemos as suas dificuldades.

A equipe pedagógica e docente iniciou toda a trajetória identificada na metodologia desta pesquisa e os resultados estão sendo analisados e discutidos entre eles, buscando o desenvolvimento integral do aluno e uma inclusão satisfatória.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os dados obtidos através da observação presencial, pôde-se constatar que muitas são as barreiras enfrentadas por professores despreparados para o atendimento de crianças que apresentam necessidades especiais por apresentarem autismo, demonstrando que o acesso dessas crianças na Rede Regular de Ensino torna-se pouco motivado. Os resultados demonstram a falta de capacitação e de conhecimento sobre a Síndrome e suas características, o que leva à falta de empenho dos professores.

A UMEI (Unidade Municipal de Educação) onde foi realizada a observação presencial se mostra cada vez mais inclusiva e alguns professores se atualizam com minicursos oferecidos, o que facilita o atendimento mais direcionado às crianças com necessidades especiais. A equipe pedagógica busca um trabalho conjunto sempre visando o desenvolvimento do aluno autista. Mas a realidade em outras escolas é diferente, principalmente quando se trata de Redes Públicas.

Comprova-se que o acesso de crianças autistas em ambientes escolares comuns pode promover grandes avanços quanto ao seu desenvolvimento nos processos de ensino-aprendizagem, socialização e inserção ao meio social, principalmente quando contamos com profissionais capacitados na escola e o auxílio de uma equipe multidisciplinar, como: médicos, psicólogos, musicoterapeutas, dentre outros, no atendimento dessas crianças. De acordo com informações prestadas pela coordenadora, os trabalhos realizados com o aluno estão sendo analisados e discutidos, buscando-se o desenvolvimento do aluno e novas práticas que vão surgindo no decorrer da trajetória educacional.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Meire. Caminhos da Inclusão. *Nova Escola*, São Paulo, n. 11, p. 9-15, out. 2006.

1. Nome fictício, para preservar a identidade do aluno.

FERREIRA, Izabel Neves. **Caminhos do aprender**: uma alternativa educacional para a criança portadora de deficiência mental. Brasília: Coordenação Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), 1993. 162 p.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo**: guia prático. 2. ed. Brasília: CORDE, 2001. 85 p.

SCHARTZMAN, José Salomão. **Autismo infantil**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), 1994. 56 p.